



***“Ensino de História e Linguagens Pedagógicas”***

***Coordenadores:***

***Prof. Dra. Uelba Alexandre do Nascimento, Prof. Me. Almair***

***Morais de Sá & Profa. Ma. Nádja Claudinale***

**O PROJETO “PROFESSOR POR UM DIA” COMO  
ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA AS AULAS DE HISTÓRIA  
DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

*Cícero Anderson de Almeida Bezerra*

URCA

[candbez@hotmail.com](mailto:candbez@hotmail.com)

**RESUMO**

Não é de hoje que o ensino de História vem sendo encarado por muitos estudantes como algo chato, desinteressante e sem sentido. A ideia da História como estudo do passado sem nenhuma relação com o presente parece prevalecer através das gerações. Inúmeros são os desafios apresentados. Observando-se essa problemática, foi introduzido nas turmas do 8º e 9º da EEF Profª Mª Dolores M. de Carvalho, da rede municipal de Várzea Alegre – CE; o projeto “Professor por um dia”, visando tornar as aulas de História mais atrativas com uso de novas linguagens e tecnologias, e estimular o protagonismo dos discentes no processo educativo, de modo que estes se reconheçam enquanto sujeitos sociais produtores de história, refletindo sobre a importância do conhecimento histórico e do professor para a sociedade, compreendendo os desafios enfrentados por este profissional cotidianamente.

**Palavras-chave:** História; Ensino de História, Desafios; Professor por um dia; protagonismo.

O ensino de História no Brasil durante muito tempo esteve pautado numa narrativa histórica marcada pela apresentação de personalidades, fatos pontuais, causas, desdobramentos, características sociais, econômicas, culturais e políticas de uma determinada sociedade, sob uma determinada ótica historiográfica, que variava de acordo com o período histórico, ou mesmo a interferência estatal no modelo público de educação. A História, como disciplina se consolida a partir do século XVIII.

Do século XVIII ao século XX, o desenvolvimento da pesquisa em História e a produção historiográfica produziram avanços significativos, assim como no século XXI em que houve uma ampliação e difusão do material relacionado à História disponível ao público em geral. Com uma diversidade de publicações, tanto impressas quanto digitais, sejam em formato de textos, imagens ou vídeos, e com os alunos tendo acesso a esse material no momento em que desejam, qual o papel do professor de História em sala? Como motivar os alunos a se envolverem nas aulas? Uma alternativa, diante de um aluno cada vez mais conectado e menos interessado no modelo tradicional de ensino de História, são as metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

Diante das inúmeras transformações ocorridas no século XXI, cuja principal característica foi o avanço tecnológico dos meios de informação e comunicação, houve significativas alterações na percepção e ideias de tempo e lugar, o que exerceu uma influência determinante nas relações sociais. Nesse contexto, as Tecnologias da Informação e Comunicação- TICs e as mídias em geral, modificaram e criaram novos hábitos, comportamentos e provocaram profundas mudanças sociais, políticas e culturais no mundo contemporâneo.

Os reflexos dessas alterações podem ser percebidos na estrutura familiar e em todas as instituições da sociedade, incluindo a escola, o que passou a exigir dos professores uma nova postura frente aos desafios apresentados e as novas funções atribuídas ao ensino e as aulas de história.

Aquele professor de história que ministrava suas aulas simplesmente expositivas, preso a relatos orais de acontecimentos do passado, cujas principais ferramentas eram sempre o quadro-negro, o giz e o livro didático, precisa urgentemente refletir sobre sua prática pedagógica e buscar novos mecanismos de aprendizagem que contemplem todas as exigências da ciência histórica e seu ensino.

Libâneo enumera quais seriam as novas atitudes docentes diante do mundo contemporâneo: Assumir o ensino como mediação, Conhecer estratégias de ensinar a

pensar, ensinar a aprender a aprender, Persistir no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos (2009, p. 28-36).

O professor de História é intimado a refletir criticamente sobre as alterações promovidas pelas novas tecnologias dentro e fora do espaço escolar, num esforço constante de compreender os impactos dessas novas ferramentas nas suas aulas. Ao aluno não convém apenas receber e interpretar a informação fornecida pela escola e pelo professor de forma verbal, mas produzi-la. A escola precisa se tornar um ambiente de produção de conhecimento.

Mas o professor teria lugar nessa “nova escola”, onde cultura e ciência fariam parte do cotidiano dos alunos? A resposta, sem dúvida nenhuma, é sim. A presença do professor continua sendo fundamental para a criação das condições afetivas e cognitivas para que o aluno se desenvolva, pois:

“O professor é quem ajuda no desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve os alunos, ensina-os a argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos, de modo que tragam para a aula sua realidade vivida. (LIBÂNEO, 2009, p. 29)

Cada vez mais, as novas tecnologias passam a fazer parte do cotidiano dos alunos e professores. Mais do que entreter, essas tecnologias podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar no trabalho do professor de História em sala de aula e na sua formação, desde que bem utilizadas. A função do professor não é apenas transmitir conhecimentos, mas mediar à construção do conhecimento, o que requer uma postura reflexiva, de autoavaliação e aprimoramento constante.

Freire (2003) reforça a necessidade dos educadores criarem as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento pelos alunos (as), num processo em que o professor e o aluno não se reduzem à condição de objeto um do outro. Insiste que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

Conclui que cabe ao professor e a escola a função de “ensinar a aprender a pensar” e não somente transferir informações desconexas. Dai a importância de se reforçar o papel do professor como mediador do processo ensino-aprendizagem, principalmente quando as tecnologias passaram a fazer parte desse contexto.

O século XXI trouxe consigo transformações tecnológicas e científicas de toda sorte. É possível observar essas mudanças cotidianamente, seja no avanço da medicina,

no desenvolvimento de pesquisas, ou até mesmo na confecção de equipamentos dotados de ampla capacidade tecnológica, que cada vez mais primam por eficiência e funcionamento autônomo. Esses equipamentos, dotados de uma infinidade de recursos, estão presentes em sala de aula e, em muitas delas, tornaram-se parte integrante do material escolar. Diante de um cenário desse, onde a atenção do aluno está cada vez mais distante da lousa, será cabível ao professor de História vencer uma batalha imaginária travada entre ele e o aparelho celular do seu aluno? É aqui que se configura o grande desafio do professor em sala de aula.

A História ensinada em sala de aula, utilizando somente a narrativa como método, baseada na memorização e repetição oral de textos escritos nos livros didáticos tende a perder espaço e a afastar cada vez mais os alunos que, ao não se verem desafiados, perdem o interesse. A História é dinâmica e os processos históricos estão em constante transformação. Esse dinamismo deve ser levado para a sala de aula para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, pois só assim as aulas de história deixarão de ser enxergadas pelos estudantes como chatas e monótonas, quebrando a falsa ideia de que se trata de uma matéria decorativa que nada tem a ver com os dias atuais.

Não é de hoje que o ensino de História vem sendo encarado por muitos estudantes como algo chato, desinteressante e sem sentido. Questionam-se: porque estudar datas e pessoas que já morreram? Muitos ainda encaram a História como uma disciplina decorativa demonstrando certa antipatia. A grande dificuldade dos alunos em estabelecer uma conexão entre os fatos do passado e o contexto histórico atual, não se reconhecendo como sujeitos produtores de história, tem sido outro problema muito presente no ensino de História. A ideia da História como estudo do passado e sem nenhuma relação com o presente parece prevalecer através das gerações.

Muitos são os desafios colocados para o ensino de História no século XXI. Tanto para os professores, quanto para os alunos. Para que haja o desenvolvimento de um aluno autônomo, é necessário que ele seja a figura central no processo ensino-aprendizagem. O projeto “Professor por um dia” surge como uma alternativa para que os alunos saiam da posição de passividade e passem a agir ativamente no processo educacional, rumo a superação dos desafios do ensino de História no século XXI.

O ensino de história é visto por muitos estudantes como algo chato e sem sentido. Questionam-se: porque estudar datas e pessoas que já morreram? Demonstram grande dificuldade de estabelecer uma conexão entre os fatos do passado e o contexto

histórico atual, não se reconhecendo como sujeito produtor de história. Associa-se ao desinteresse pela disciplina a deficiência na leitura e alegação de que os textos no livro são muito extensos.

Diante dos desafios apresentados e dos problemas observados nas turmas do 8º e 9º da EEF Professora Maria Dolores Meneses de Carvalho, localizada no distrito de Canindezinho, na cidade de Várzea Alegre – CE, foi introduzido o projeto “Professor por um dia”, visando tornar as aulas de História mais atrativas e estimular o protagonismo dos discentes no processo educativo, de modo que os estudantes possam se reconhecer enquanto sujeitos sociais produtores de história e refletirem sobre a importância do professor e do conhecimento histórico para a sociedade.

O projeto “Professor por um dia” surge como uma alternativa pedagógica de intervenção nas turmas do 8º e 9º do ensino Fundamental da EEF Professora Maria Dolores Meneses de Carvalho, localizada numa comunidade rural a 30 km da cidade de Várzea Alegre, município da região Centro-sul do Ceará, denominada Canindezinho. A ideia surgiu a partir de um quadro do Fantástico, programa exibido nas noites de domingo na emissora Globo. Ao ver a atriz Mariana Ximenes participar como “Repórter por um dia” nasceu a ideia de propor aos alunos o Projeto “Professor por um dia” onde eles estariam ministrando para os seus colegas uma aula de 50 minutos sobre um assunto específico do livro didático ou outro tema relacionado a disciplina de história com o qual se identificassem.

Todas as etapas do processo pedagógico foram seguidas, desde o planejamento até a avaliação, incluindo a autoavaliação. No final cada aluno recebia um certificado de participação e nota pelo seu desempenho. O sucesso foi tão grande que a turma do 7º ano solicitou que fosse implantado na sua sala também. Desde então, no segundo semestre de cada ano, o projeto vem sendo implementado e a cada ano passa por alterações de acordo com as sugestões feitas pelos participantes.



Imagem 01 – Aluna do 8º ano planejando sua aula - “Projeto Professor por um dia” – 2013

No projeto “Professor por um dia” são trabalhados conteúdos curriculares relacionados a História local (do Distrito de Canindezinho e do município de Várzea Alegre), História do Ceará, História Geral e do Brasil e atualidades. O projeto tem como objetivos: tornar as aulas mais atraentes e estimular o protagonismo juvenil de modo que os estudantes pudessem se reconhecer enquanto personagens produtores da história (da sua história, da história da sua escola, de sua família, da sua comunidade, município, estado, país e do mundo); bem como entender como é pensado todo o processo educativo, conhecendo suas etapas, desafios e a importância do professor, do conhecimento e da história para a sociedade.

Inicialmente foi apresentada a proposta às turmas que demonstraram bastante interesse pela iniciativa e passadas as informações referentes ao processo de planejamento. Em seguida foram distribuídos os assuntos para que cada aluno fizesse um estudo sobre o mesmo sendo que podiam abordar outras temáticas mais atuais relacionadas ao tema em estudo. Foi apresentado o cronograma. Na aula seguinte começaram as apresentações obedecendo a ordem da chamada.

O professor-aluno usa sempre um jaleco com o nome do projeto para diferenciá-lo dos colegas. O mesmo faz a chamada no diário de sala do professor e ministra sua aula conforme planejado. Quando o último aluno ministra a sua aula, é feito um trabalho de contextualização envolvendo todos os assuntos trabalhados. E por fim os



## *Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG*

alunos fazem a autoavaliação do projeto registrando seus pontos de vistas numa pesquisa de opinião, onde são apontados os pontos fortes e fracos do projeto. Em data marcada é realizada uma cerimônia para entrega de certificados.

Ao longo das edições do projeto, os alunos participantes puderam observar a importância do planejamento na atividade docente e protagonizaram o processo educativo durante o desenvolvimento do mesmo. A avaliação sempre se dá de forma contínua e processual baseada na participação e envolvimento dos estudantes durante a sua aula e a de seus colegas. Para uma avaliação individual satisfatória o aluno precisa ministrar a sua aula e participar efetivamente durante as aulas dos seus colegas. São produzidos relatórios individuais sobre a experiência vivenciada.

Ao longo do trabalho pode-se observar o quanto os alunos consideram e valorizam a iniciativa, apesar de se tratar de algo simples. Pode-se também perceber que nem sempre é necessário grandes investimentos financeiros na educação para se alcançar bons resultados. O projeto é autossustentável. Quando o professor titular da disciplina precisa se ausentar para participar de formações, as aulas acontecem normalmente na sua ausência, sem a necessidade da presença de um substituto.



Imagem 02 – Aluno do 9º ano ministrando aula no Projeto - 2014

O projeto tem tido uma grande aceitação pelos alunos e o sucesso de sua primeira edição em 2013 foi tão grande que a turma do 7º ano solicitou que o mesmo fosse implantado na sua sala também. Desde então, no segundo semestre de cada ano, o projeto vem sendo implementado e apresenta-se como estratégia pedagógica para tornar

as aulas de história mais atrativas e o conhecimento histórico mais significativo para os alunos.



Imagem 03 – Trabalho em grupo sugerido por um dos alunos em sua aula no projeto – 2015

O projeto começou de maneira bem informal. Os alunos tinham liberdade para utilizar os recursos e as metodologias que julgassem mais inovadoras. Muitos utilizaram músicas, vídeos, dinâmicas de grupo, caça-palavras, palavras cruzadas, jogos de pergunta de respostas, debates, etc. Outros se mantiveram presos a leituras de textos que selecionaram ou do próprio livro. Mas, uma constatação foi que não houve resistência por parte dos alunos em fazerem as leituras e as atividades sugeridas pelos colegas quando estes estavam na condição de professor.

Importante ressaltar que durante as aulas ministradas pelos alunos podia-se perceber o quanto eles se sentiam importantes ocupando o lugar do professor. Sem contar nos valores construídos como o respeito mútuo pelos colegas. Outro ponto que merece destaque é que até mesmo aqueles alunos mais tímidos conseguiram participar de maneira efetiva do projeto. Sem dúvidas foi uma experiência bastante marcante e enriquecedora. Isso pode ser constatado nos relatórios produzidos pelos participantes.

As aulas de história são um espaço bastante oportuno para promover o debate necessário sobre questões do passado e atuais, considerando que se trata de uma disciplina escolar de caráter reflexivo, que está conectada com os acontecimentos não só do passado, mas também do presente, propiciando um ambiente de discussão no qual os



sujeitos se reconheçam enquanto sujeitos participantes e protagonistas dos processos. Em outras palavras

A história ensinada serve para ajudar a criar identidades, mas serve principalmente para que as pessoas reconheçam-se como sujeitos, como parte também de um coletivo, conheçam suas possibilidades e limitações de ação na história. Desta forma, serve também para questionar identidades inventadas (...) (CERRI, 1999, p.6)

Ao elaborar um trabalho com projetos, busca-se superar as práticas habituais, monótonas, descontextualizadas do processo educacional por uma prática mais dinâmica, prazerosa e contextualizada, proporcionando situações de aprendizagem em que os alunos aprendam fazer errando, acertando, pesquisando, levantando hipóteses, experimentando, investigando, refletindo, construindo, intervindo, concluindo com conteúdos diversificados, contextualizados, gerando situações de aprendizagem reais e significativas, trabalhando os conteúdos de forma interdisciplinar e contextualizada.

Nas séries iniciais, a escola tem privilegiado o ensino de Língua portuguesa e matemática e colocado em segundo plano o ensino de história. Isso tem gerado uma lacuna entre os conhecimentos que os alunos deveriam compreender nessa etapa e nas séries seguintes. O Ensino de História nas séries iniciais deve considerar a história de vida do aluno, uma vez que somos seres históricos. Contudo o Ensino de História, nas palavras de Cruz:

Estudar História e Geografia na Educação Infantil e no Ensino Fundamental resulta em uma grande contribuição social. O ensino da História e da Geografia pode dar ao aluno subsídios para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva. (2003, p. 2)

Podemos afirmar que tem prevalecido no campo da história uma didática orientada pela busca pelo passado, desconectado das questões do tempo presente. Marc Bloch (1997) foi um dos primeiros historiadores a afirmar que o objeto da História não é o passado, mas os homens, os homens no tempo – um tempo concreto e vivido que informa, forma e (re)constrói as experiências humanas.

Constatamos no dia-a-dia que é um desafio para o professor ensinar História nestes novos paradigmas, de forma a acabar com a decoreba e pensar historicamente. A disciplina de história é campo fértil para uma ação relevante sobre discussões do presente e na formação de cidadãos autônomos, valorizando as marcas deixadas pelos homens e que permitem uma interpretação dos seus atos cotidianos que possibilitaram a

construção da sociedade da sua época e os efeitos produzidos nas sociedades que os sucederam.

Refletir sobre as realidades vividas e as transformações ocorridas na forma de ensinar e aprender, compreendendo o passado sem perder de vista as peculiaridades dos desafios atuais é uma tarefa atribuída aos professores de história. E esse exercício deve ser feito com a consciência de que não se deve emitir juízo de valores. É necessário considerar as mentalidades próprias dos sujeitos envolvidos, dos períodos estudados e observá-los com lentes do presente.

## **REFERÊNCIAS**

CERRI, Luis Fernando. **Os objetivos do ensino de História**. Londrina, v. 5, p. 137-146, Out. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIBÂNEO, Carlos José; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança**. Educ. Soc. Campinas. vol. 20, n. 68, Dez. 1999